

ÁREA TEMÁTICA: (marque uma das opções)

- COMUNICAÇÃO
- CULTURA
- DIREITOS HUMANOS E JUSTIÇA
- EDUCAÇÃO
- MEIO AMBIENTE
- SAÚDE
- TECNOLOGIA E PRODUÇÃO
- TRABALHO

ILUSTRAÇÃO DE LIVRO DE HISTÓRIAS GUARANI M'BYA: A ESCOLHA DA LINGUAGEM VISUAL

Álvaro Franco da Fonseca Júnior¹
Letícia Fraga²

Resumo: As atividades descritas nesse trabalho referem-se ao processo de produção de um livro de histórias indígena Guarani M'bia, com a criação de desenhos em preto e branco para ilustrá-lo. Esta ação se deu dentro do plano de trabalho do projeto de extensão intitulado "Formação inicial e continuada de professores de língua em comunidades multilíngues/multiculturais", cujo objetivo é proporcionar a valorização de línguas indígenas, neste caso a Guarani. A produção do livro deu-se por meio do contato estreito estabelecido com a professora Guarani Sara Gonçalves, pertencente à comunidade Guarani da Terra Indígena de Mangueirinha, PR. O livro traz narrativas produzidas, nas décadas de 70 e 80, por Nelson Florentino, indígena Guarani M'bia, pai da professora Sara, atualmente residente na reserva de Rio da Areia, PR. Para a definição das ilustrações das histórias e da capa foram realizadas viagens às Terras Indígenas de Mangueirinha e Rio d'Areia para coletar mais dados sobre o processo de produção das narrativas junto ao Sr. Nelson, bem como fazer registros fotográficos, audiovisuais e realizar um trabalho conjunto com a comunidade indígena para a finalização das ilustrações que compõem o livro. Este trabalho compõe o conjunto de atividades do Coletivo de Estudos e Ações Indígenas (CEAI).

Palavras-chave: Ilustração. Linguagem visual. Produção de livro. Narrativa. Cultura indígena.

INTRODUÇÃO

Esse relato expõe uma experiência de trabalho de ilustração de um livro de histórias contadas por um índio Guarani M'bia, que revelam uma grande diversidade de enredos e vivências que mesclam a visão indígena e a influência cultural externa sofrida por este no convívio com o branco. Para se chegar a isso, foi necessário um processo amplo de disposição, paciência, respeito e insistência na crença de que culturas diferentes podem e devem conviver em harmonia. Deve-se respeitar, oportunizando apoio mútuo em uma coexistência pacífica, pois a comunidade majoritária não apenas tem a oferecer e ensinar, mas, como nos é mostrado diariamente, tem muito mais a aprender.

Este projeto se desenvolve principalmente na reserva indígena de Mangueirinha, onde a professora da Universidade Estadual de Ponta Grossa UEPG, Letícia Fraga, é responsável pelo projeto "Formação inicial e continuada de professores de língua em comunidades multilíngues/ multiculturais". O projeto envolve a criação de materiais didáticos

¹ Membro de projeto de extensão; SEED/PR; CEEBJA; alvarofonsecajunior@gmail.com.

² Coordenadora do projeto de extensão; UEPG; Letras; leticiafraga@gmail.com.

direcionados a professores e alunos indígenas das escolas estaduais estabelecidas em reservas no estado do Paraná e também às escolas urbanas. Esse projeto permite criar não somente materiais, mas também vínculos com amigos que nos são muito caros. Desenvolve-se durante todo o ano e ramifica-se em diversos encontros, reuniões, trocas de experiências e produções dos participantes.

Conhecer pessoas de culturas diferentes é sempre uma oportunidade de ampliar experiências de troca. É possível perceber que há diferentes percepções sobre os vários aspectos da vida que podem estabelecer aproximações e outros que causam estranhamentos e mesmo afastamentos. Uma característica que aproxima muito as pessoas são as histórias contadas e recontadas por várias gerações. Elas encantam, divertem e educam, aguçam a imaginação e conectam a essência de um povo.

A memória e a oralidade são pilares de sustentação cultural de etnias que por milênios mantiveram esses vínculos de união ancestral e, recentemente, vêm sendo ampliadas em registros escritos. A escritora indígena Vangri Kaingáng (apud ROSA, 2017) afirma que:

literatura indígena é uma forma de perpetuar o conhecimento oral, ou seja, quando um indígena escreve sobre seu próprio povo ele está traduzindo para escrita experiências que aprendeu por vivência cultural, sua família, suas raízes, ele fala da origem de sua essência, do que aprendeu e ao qual deve respeito e o que verdadeiramente é, pois fala com propriedade daquilo que conhece.

Em uma das oportunidades de convívio com a comunidade da reserva de Mangueirinha, o grupo pôde conhecer Sara Gonçalves, Guarani Mbya, professora de uma das escolas estaduais existentes na reserva. Esse encontro deu a oportunidade de conversar sobre as necessidades da escola. Pode-se conhecer o trabalho da professora Sara conversando longamente sobre sua didática e as dificuldades enfrentadas no dia a dia por ela e suas colegas. Pode-se perceber também suas dificuldades no tocante a materiais direcionados aos seus alunos e o grande desejo de transformar essa realidade.

Após a professora Sara conhecer o trabalho que havia sido feito com os Kaingang, se estabeleceu aos poucos uma confiança e uma empatia entre as professoras Letícia e Sara que, surpreendente e inusitadamente, mostrou um material que possuía sobre a língua Guarani, que continha muitas histórias contadas por um Guarani que vinha a ser seu próprio pai. O gesto foi maravilhoso, assim como o desafio proposto por ela de produzir o material, sabendo da enorme responsabilidade que fora colocada. Ao grupo coube a criação e a realização das ilustrações pertinentes a essas narrativas que compõem a vida desse homem que, mais tarde, se tornou uma pessoa conhecida.

As impressões que os textos causam a princípio são de estranheza, porque alguns são muito curtos e têm um final diferente dos que têm as histórias infantis. Causam surpresa também pela beleza e simplicidade. São histórias de animais, de seres fantásticos e verdadeiras aventuras vividas algumas delas pelo próprio contador, Nelson Florentino. O fato de estarem escritas em Guarani M'bia e português deu a abertura para pensar que poderiam ser traduzidos também para o espanhol, por sugestão da professora Lígia Paula Couto (UEPG), que se juntou ao projeto. Parecia fazer todo o sentido considerando que o povo Guarani está presente em outros países da América Latina, como o Paraguai, em que as duas línguas são maternas e oficiais.

OBJETIVOS

O objetivo geral do trabalho consistia em conhecer as demandas existentes nas escolas indígenas do Paraná, inicialmente como centro de reconhecimento a reserva de Mangueirinha nesse estado. Como objetivos específicos, propôs-se:

- a) Desenvolver o projeto de criação um livro de histórias em Guarani, Português e Espanhol, de materiais didáticos e um vídeo.
- b) Ilustrar, digitalizar e montar o livro e, mais tarde, cartilhas, panfletos e outros materiais.

METODOLOGIA

Para elaboração do livro, foi necessário o contato, convivência, experienciar a cultura, e norteá-lo a partir das diretrizes por eles apontadas e a adaptação às possibilidades logísticas. O material com os textos datilografados foi emprestado e posteriormente foi digitado em *word* por estagiários do curso de Licenciatura em Letras Espanhol, os quais foram supervisionados pela professora Lígia Paula Couto. As ilustrações foram feitas nos primeiros meses de 2017 e hoje estão em fase de lapidação.

O embasamento que norteou esse trabalho, que é mais uma produção possibilitada pelo projeto “Formação inicial e continuada de professores de língua em comunidades multilíngues/ multiculturais”, é o da chamada pedagogia Guarani:

A metodologia se baseou tanto nos preceitos da chamada pedagogia Guarani (BENITES, 2012; CANDADO, 2015), que se sustenta na tradição de transmissão de conhecimentos, em geral realizada oralmente (podendo ser registrada por escrito), pelos mais velhos ao mais jovens, quanto nos preceitos da pedagogia Kaingang, segundo a qual cabe ao professor Kaingang “[...] resgatar e valorizar as formas tradicionais Kaingang de repassar os conhecimentos para os jovens, porque essas

formas não são meros métodos em fase de experimentação, mas sim metodologias aplicadas, avaliadas e aperfeiçoadas através dos tempos” (INÁCIO, 2010, p. 45, grifos nossos).

As cores foram limitadas ao preto e branco mediante a verba existente para a confecção do livro e a possibilidade de se imprimir um maior número de exemplares.

RESULTADOS

Abaixo, segue um exemplo de um texto para ilustrar os resultados:

Aguara’i reõ reve okaxa ague

Aguara’i je oo okaxa vy reõ reve. Reõ je aipoe’i aguara’i pe: “Ndee ma tereo korupi, ha’e xee ma aa ta korupi. Xapy’a rei ndee ri rejou vy ke ejapukai he’i reõ aguara’i pe. “Ha’e rã xee ranhe ri ajou voi vy ajapukai ‘rã’ he’i. Ha’e gui aguara’i ojou ma guaxu. Ha’e vy je “Aipo ke oo” he’i aguara’i reõ pe. Ha’e rã je reõ oguero’a ma guaxu. Opa ra’e.

Quando o guaraxaim foi caçar com o leão

O guaraxaim foi caçar com o leãozinho. O leãozinho disse ao guaraxaim: “Você vai por aqui e eu vou por aqui. Se você achar alguma coisa primeiro, dê um grito para mim. E se eu achar alguma coisa primeiro, vou dar um grito para você”. O guaraxaim achou um veado. Ele gritou ao leãozinho: “Olhe, está indo”. E o leãozinho pegou o veado. É só.

A ilustração tem a função básica de dar ao texto visibilidade imagética, deve permitir a leitura coerente às palavras que suscitaram sua criação. A ilustração marca, registra, alimenta o processo cognitivo com significados simbólicos, para que, posteriormente, venham à mente os conteúdos textuais. As relações trazidas pela observação das ilustrações de um livro de histórias, por exemplo, possibilitam interações, conexões e atrações entre seu próprio grupo e grupos culturais diferentes, interligados pela existência das similaridades entre indivíduos do gênero humano mesmo sendo de cultura distintas.

Ler uma história transcrita de uma cultura considerada diferente pode fazer com que se sinta falta de alguns elementos para criar uma narrativa imagética que expresse mais eficientemente o texto escrito. Essa foi a primeira dificuldade em relação às técnicas de “construção mental” para criar as ilustrações que direcionassem a imaginação a algo mais pontual ou de maior peso do texto.

A função de elucidar um texto escrito não é a única função da ilustração podendo, ainda, ser narrativa, simbólica, estética, lúdica, fática, metalinguística, denotativa, conativa, representativa, descritiva. A que poderia ser usada para obter maior impacto visual era a expressiva, que, na maioria das vezes, poderia ser uma ilustração denotativa e conotativa

também, pois sua informação seria clara e direta para o leitor e sua representação estética igualmente.

Como não foi possível trabalhar com cores, criaram-se ilustrações como se fossem xilogravuras, mais pesadas, carregadas no preto, contrastando com o branco do papel, causando grande impacto gráfico. Bullaude (1969) acrescenta ainda uma outra categoria: o núcleo semântico da linguagem visual, a que chama a zona de maior significado da imagem. Assim, numa imagem é possível descobrir o que é nuclear e o que é acessório.

Os critérios técnicos críticos que envolvem as escolhas mais eficazes para que haja o entendimento no processo de leitura estarão sempre “contaminados” com a concepção estética que produz mais facilmente ilustrações para um público de uma grande cidade, pois essa é a formação técnica do ilustrador. Portanto, o necessário distanciamento da formação para tentar alcançar o imaginário do pensamento indígena sobre a história se tornou um grande desafio.

Mesmo que a escolha da construção imagética tenha levado em conta uma rígida crítica estética pessoal, existe a possibilidade de que a escolha feita não atenda as expectativas analisadas do ponto de vista de uma cultura distinta. Então, a cada ilustração produzida surgia o questionamento natural sobre qualquer trabalho, mas muito especialmente sobre esse: Seriam essas as imagens que poderiam fazer as conexões necessárias para que houvesse entendimento e apreciação estética?

A possibilidade de superar imagetivamente os aspectos do texto, exagerando-o, é um recurso que pode ser utilizado. Porém, corre-se o risco do excesso, resultando numa hipérbole. O que se busca, na verdade, é a coerência entre os dois aspectos para que, no decorrer da leitura, haja a eficácia da inteligibilidade do trabalho.

Produzir e mostrar o que está sendo feito para um público de uma etnia que aguarda com grande expectativa torna o trabalho importante e de grande responsabilidade.

Figura 1 – Capa do Livro de Histórias Guarani



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentre todos os materiais que já foram produzidos pelo projeto, este livro se mostra como um trabalho distinto tanto no fazer quanto na interação com as pessoas. Houve por parte da família de seu Nelson Florentino e dele mesmo, uma receptividade e uma generosidade muito grande para dividir o que tinham, incluindo suas histórias e sua religiosidade na casa de reza.

APOIO: Ao CNPq, que financiou o projeto.

REFERÊNCIAS

BULLAUDE, José. **Enseñanza audiovisual:** teoria y practica. Santiago do Chile: Editorial Universitaria, 1969.

INÁCIO, Andila Nĩvygsãnh. VĚNH KANHRĀN. In: MARQUES, Tania B. I.; ARENHALDT, Rafael (Org.). **Memórias e afetos na formação de professores.** Pelotas - RS: UFPEL, 2010. p. 43-69

ROSA, Sallisa. Literatura dos Povos Indígenas: Traduções das experiências culturais para a escrita. *Leitura e Suas Tecituras. Astrolábio*, nº 21, ano II. Disponível em: (<http://astrolabio.org.br/literatura-dos-povos-indigenas/set> 2017). Acesso em 31 Mar. 2018.